

MG.BIOTA

v. 1. n. 1 – Abril/Maio - 2008
ISSN
Distribuição Gratuita

INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS – MG
DIRETORIA DE BIODIVERSIDADE
GERÊNCIA DE PROJETOS E PESQUISAS

ANFÍBIOS
DA SERRA DO
BRIGADEIRO-MG



MG.BIOTA

Boletim de divulgação científica da Diretoria de Biodiversidade/IEF que publica bimestralmente trabalhos originais de contribuição científica para divulgar o conhecimento da biota mineira e áreas afins. O Boletim tem como política editorial manter a conduta ética em relação a seus colaboradores.

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Governador: Aécio Neves da Cunha

**SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE
E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Secretário: José Carlos Carvalho

IEF - Instituto Estadual de Florestas

Diretor Geral: Humberto Candeias Cavalcanti

Diretoria de Biodiversidade

Diretor: Célio Murilo de Carvalho Valle

Gerência de Projetos e Pesquisas

Gerente: José Medina da Fonseca

Equipe da Gerência:

Denize Fontes Nogueira

Elvio Rodrigues de Assis

Ivan Seixas Barbosa

Janaína Ap. Batista Aguiar

Maria Auxiliadora C. Q. Dardot

Valéria Mussi Dias (Coordenação)

**PUBLICAÇÃO TÉCNICA INFORMATIVA MG.
BIOTA**

Edição: Bimestral

Tiragem: 5.000 exemplares

Diagramação: Sografe Editora e Gráfica

Impressão: Sografe Editora e Gráfica

Normalização: Silvana de Almeida – Biblioteca - SISEMA

Revisão: Olívia Bittencourt e Emerson Gomes - Ascom – SISEMA

Corpo Editorial e Revisão:

Denize Fontes Nogueira, Ivan Seixas Barbosa

Janaína Ap. Batista Aguiar, Maria Auxiliadora C. Q.

Dardot, Valéria Mussi Dias

Arte da Capa: Kleber de Andrade Ribeiro

Fotos: Renato Neves Feio, Patrícia Silva Santos,

Carla Santana Cassini, Jussara Santos Dayrell, Eliana

Faria de Oliveira.

Foto Capa: Renato Neves Feio

Espécie da Capa:

Phyllomedusa burmeisteri (Perereca-Verde)

Foto Contra-capa: Evandro Rodney

Imagem: Parque Estadual Serra do Brigadeiro-MG

Endereço:

Rua Espírito Santo, 495 – 9º andar – Centro - Belo Horizonte – Minas Gerais
Brasil – CEP: 30160-030

E-mail: projetospesquisas@ief.mg.gov.br

Home page: www.ief.mg.gov.br

MG.Biota: Boletim Técnico Científico da Diretoria de Biodiversidade do IEF – MG. v. 1, n. 1 (2008)

– Belo Horizonte: Instituto Estadual de Florestas, 2008.

v. il.

Bimestral

ISSN:

1. Biosfera - Conservação – Periódico I. Diretoria de Biodiversidade. II. Instituto Estadual de Florestas.

CDU: 57.7

Ficha catalográfica elaborada por: Silvana de Almeida CRB 10186

MG.BIOTA

INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS – MG
DIRETORIA DE BIODIVERSIDADE
GERÊNCIA DE PROJETOS E PESQUISAS

MG. BIOTA, Belo Horizonte, v.1, n. 1 - Abril/Maio 2008

APRESENTAÇÃO DO BOLETIM

Há muito tempo o SISEMA – Sistema Estadual do Meio Ambiente vem apoiando e estimulando pesquisas e estudos científicos em suas Unidades de Conservação - UCs, através de competente atuação da Diretoria de Biodiversidade do Instituto Estadual de Florestas - IEF. Esse trabalho resulta em considerável acervo de conhecimentos que, a partir de agora, colocaremos à disposição das universidades e centros de pesquisa através de algumas séries de publicações técnicas que estamos terminando de formatar. Este estudo sobre os “Anfíbios da Serra do Brigadeiro” abre tal iniciativa, cujo objetivo é o de democratizar os resultados dos trabalhos científicos conduzidos em nossas UCs.

Todos os cientistas e pesquisadores que passaram por nossas áreas de proteção ambiental contribuíram significativamente para ajudar-nos a aperfeiçoar nosso sistema de gestão dessas unidades, que hoje apresentam condições muito boas de acolhimento de equipes, bem como de suporte às suas ações de campo. Faltava-nos um sistema organizado e estruturado convenientemente para dar publicidade ao trabalho realizado, questão que começamos a solucionar.

Esperamos que nossos colaboradores do universo da Ciência nos contatem para tomar conhecimento das nossas condições de publicação para que, em pouco tempo, possamos diversificar temas e níveis de aprofundamento dos assuntos focalizados. Toda contribuição à expansão de conhecimentos e da percepção da importância das UCs como “laboratórios naturais” nos será bem vinda e terá de nossa parte o melhor acolhimento.

Paralelamente às séries técnicas, incentivaremos publicações no sentido de disponibilizar o acesso à “Ciência para todos”, título de outro segmento de publicações que iremos promover. Nosso público alvo especial serão os professores de primeiro e segundo graus, professores de ciências, sem nos esquecermos de crianças e jovens curiosos sobre o mundo natural que os cerca.

Em pouco tempo, o conhecimento sobre aspectos relevantes da maravilhosa diversidade da natureza, preservados nas Unidades de Conservação de Minas Gerais, estará à disposição de todos. Esta a nossa grande ambição.

JOSÉ CARLOS CARVALHO

Secretário de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

É com grande entusiasmo que lançamos o MG.BIOTA! Trata-se de um boletim técnico informativo coordenado pela Gerência de Projetos e Pesquisas da Diretoria de Biodiversidade/Instituto Estadual de Florestas.

Desde 1997, o Instituto Estadual de Florestas vem atuando no acompanhamento e controle das pesquisas científicas no Estado de Minas Gerais, principalmente nas Unidades de Conservação Estaduais. Ao longo desses 10 anos, um extenso volume de publicações sobre o meio biótico e abiótico foi gerado.

Essas informações terão espaço reservado na MG.Biota, um instrumento facilitador da comunicação e fonte de consulta que permitirá aos interessados ampliar a percepção do meio ambiente no qual estão inseridos.

Cada Boletim apresentará um tema especí-

fico a partir da visão e área de atuação de um determinado pesquisador e/ou grupo de pesquisadores, que se responsabilizarão integralmente pelo conteúdo do mesmo.

Convidamos os leitores a conhecer um pouco da fantástica biodiversidade de Minas Gerais e os pesquisadores, que já atuam nas Unidades de Conservação do Estado de Minas Gerais, que sejam autores dos próximos números, colaborando, assim, para o conhecimento das riquezas mineiras! Boa leitura!

HUMBERTO CANDEIAS CAVALCANTI

Diretor-Geral do Instituto Estadual de Florestas

SUMÁRIO

ABSTRACT	04
INTRODUÇÃO	05
ANFÍBIOS NO BRASIL E NA MATA ATLÂNTICA	05
PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO BRIGADEIRO	06
MATERIAL E MÉTODOS	06
OS ANFÍBIOS DA SERRA DO BRIGADEIRO	08
FAMÍLIA BRACHYCEPHALIDAE	10
FAMÍLIA BUFONIDAE	11
FAMÍLIA CENTROLLENIDAE	12
FAMÍLIA CERATOPHRYIDAE	13
FAMÍLIA CYCLORAMPHIDAE	13
FAMÍLIA HYLIDAE	15
FAMÍLIA HYLODIDAE	25
FAMÍLIA LEIUPERIDAE	26
FAMÍLIA LEPTODACTILIDAE	27
FAMÍLIA MICROHYLIDAE	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
EM DESTAQUE: RAMPHOPHRYNE PROBOSCÍDEA (SAPO NARIGUDO)	32

ANFÍBIOS DA SERRA DO BRIGADEIRO – MG

AMPHIBIAN DIVERSITY IN THE SERRA DO BRIGADEIRO STATE PARK, MINAS GERAIS, BRAZIL.

Renato Neves Feio
Patrícia Silva Santos
Carla Santana Cassini
Jussara Santos Dayrell
Eliana Faria de Oliveira

Abstract

Despite its historical trend of devastation that resulted in 90% of its original range, the Atlantic Forest still harbors high levels of biodiversity. Therefore, this biome is considered one of the most threatened of the planet and a priority for conservative management. Approximately four hundred species of anurans are recognized in the Atlantic Rain Forest, and half of them endemic to this biome. This high degree of diversity and endemism is determined by the huge diversity of habitats and environments, an evident feature of the mountain complex of the Serra do Mar, Mantiqueira, and Espinhaço in southeastern Brazil. In Minas Gerais, the Serra do Brigadeiro State Park (Parque Estadual da Serra do Brigadeiro - PESB) comprises more than 13,000 hectares (42° 40' and 40° 40' W; 20° 33' and 21° 00' S) and it is considered biosphere world patrimony and the top priority conservation area in Minas Gerais. In this study, we present a diagnosis of the current knowledge of the taxonomy and biogeography of the amphibians in PESB performed in the northern, center and southern sections of the unit, performed during the 1994-2006 time period. Forty-two species of anurans have been recorded for the PESB, represented by families Brachycephalidae (4), Bufonidae (1), Centrolenidae (2), Ceratophryidae (1), Cycloramphidae (4), Hylidae (20), Hylodidae (2), Leiuperidae (3), Leptodactylidae (5) and Microhylidae (2). This survey also includes new species belonging to genera *Leptodactylus*, *Scinax* and *Chiasmocleis*. This conservation unit also harbors species of zoogeographic and/or conservationist relevance such as *Brachycephalus ephippium* (first and only record in Minas Gerais), *Bokermannohyla ibitipoca* (first record of this species outside its type locality in the Ibitipoca State Park/MG) and *Proceratophrys melanopogon* (most continental occurrence in its distributional range). Other relevant species is *Physalaemus maximus*, the largest known species of the genus in Brazil, which was described in 1999 and has the PESB as its type locality. All PESB sections included rare species such as *Bokermannohyla ibitipoca* and *Phasmahyla* sp.. Nine species in the northern sector, and three species in the central range are probably new to science. Only *Eleutherodactylus guentheri*, *Proceratophrys melanopogon* and *Dendropsophus minutus* occurred across all the environments. It is clear that the heterogeneity of environments throughout the Serra do Brigadeiro allows the occupation of different species of amphibians in accordance with the specific habitat, and that new sampling in areas yet unexplored may add to new species records for the unit, therefore confirming the relevance of this park for the conservation of the Atlantic Forest amphibian biodiversity.

Endereço: Museu de Zoologia "João Moojen"/Departamento de Biologia Animal Universidade Federal de Viçosa 36571-000 - Viçosa - Minas Gerais - Brasil - rfeio@ufv.br

INTRODUÇÃO

Os anfíbios são hoje, dentre todos os vertebrados, o grupo que tem mais sofrido com as consequências das alterações climáticas na Terra.

Por necessitarem viver nos meios aquático e terrestre durante seu ciclo de vida, e terem a pele extremamente permeável, estes animais são susceptíveis à ação de poluentes e ao aumento da radiação solar e do aquecimento global, fatores estes que os debilita e torna-os mais susceptíveis a infecções e deleções genéticas. Este novo quadro vem agravar a situação dos anfíbios, que já se encontravam ameaçados pelo desmatamento e destruição dos seus habitats (DUELLMAN & TRUEB, 1994).

Em todo o mundo, são crescentes os relatos de espécies que já apresentam algum grau de diminuição de populações ou mesmo extinções, efeitos estes que surpreendem, pois ocorrem mesmo em áreas protegidas, reforçando hipóteses de causas globais.

Especificamente na Mata Atlântica, certamente o bioma mais ameaçado do Brasil, é notável a grande diversidade de espécies de anfíbios anuros, com endemismos ainda mais surpreendentes, com várias espécies conhecidas apenas para uma única localidade (CRUZ & FEIO, 2007).

Conhecer, identificar e caracterizar as espécies e populações dos ambientes no bioma da Mata Atlântica são ações fundamentais para documentar esta magnífica diversidade, permitindo avaliar e monitorar o efeito de tais alterações globais, subsidiando ações de manejo e definição de espécies e áreas prioritárias para conservação.

Neste trabalho, são apresentadas informações inéditas sobre a composição de anfíbios do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, uma unidade de conservação localizada no Complexo Serra-no da Mantiqueira, uma das manifestações do relevo mais importantes do sudeste do Brasil e do bioma da Mata Atlântica.

ANFÍBIOS NO BRASIL E NA MATA ATLÂNTICA

São conhecidos, para todo o mundo, pouco mais de 6.000 espécies de anfíbios, distribuídos em três grupos: os **Urodela**, conhecidos como salamandras e com uma única espécie no Brasil (*Bolitoglossa paraensis*), os **Gymnophiona**, que compreendem as cobras cegas, com 26 espécies brasileiras, e os **Anura**, onde se incluem os sapos, rãs e pererecas (FROST, 2007).

O Brasil possui a maior diversidade mundial de anuros, com mais de 800 espécies, distribuídas por 17 famílias: Amphignatodontidae, Aromobatidae, Bufonidae, Brachycephalidae, Centrolenidae, Ceratophryidae, Cycloramphidae, Cryptobatrachidae, Dendrobatidae, Hemiphractidae, Hylidae, Hylodidae, Leiuperidae, Leptodactylidae, Microhylidae, Pipidae e Ranidae (SBH, 2007).

Dentre os biomas brasileiros, a Mata Atlân-

tica é o que possui a maior diversidade, com aproximadamente 350 espécies, sendo mais da metade delas consideradas endêmicas desta formação. Este alto índice de endemismo da Mata Atlântica deve-se principalmente à sua grande extensão latitudinal e altitudinal, que proporciona imensa diversidade de habitats e ambientes, com destaque para complexos serranos das Serras do Mar e Mantiqueira no sudeste do Brasil (CRUZ & FEIO, 2007).

Estima-se hoje que apenas cerca de 8% da Mata Atlântica que originalmente cobria o leste do Brasil ainda permanece. A associação de grande ameaça com alta diversidade, não só de anfíbios, é um dos fatores pelo qual se considera internacionalmente a Floresta Atlântica como um **Hot Spot**, ou seja, uma das áreas de prioridade mundial para esforços preservacionistas (MYER, 2000).

PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO BRIGADEIRO

O Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB) é uma unidade de conservação localizada no bioma da Mata Atlântica, que abrange as partes mais elevadas de um conjunto de serras integrantes da Serra da Mantiqueira, na Zona da Mata de Minas Gerais, atingindo altitudes acima de 1800 metros, combinados com vales profundos e estreitos densamente cobertos por matas. Criado pelo Instituto Estadual de Florestas - MG, em setembro de 1996, possui área de mais de 13.000 hectares, abrangendo parte dos municípios de Araponga, Fervedouro, Divino, Pedra Bonita, Serecita, Ervália, Miradouro e Muriaé (OLIVEIRA, 2000).

Nas áreas do PESB, podem ser encontradas diferentes tipologias ambientais como afloramentos rochosos, campos de altitude, Floresta Atlântica de Encosta e áreas de transição. Os campos de altitude, que são afloramentos de granito que surgem a partir de 1.600 m, onde são notáveis a diversidade de

orquídeas, bromélias, pteridófitas e líquens.

Dentre os representantes da fauna, destaca-se o maior primata de todas as Américas, o “mono carvoeiro” ou “muriqui-do-norte” (*Brachyteles hypoxanthus*), que tem no PESB uma das maiores populações conhecidas para o gênero, com alguns grupos já diagnosticados com mais de 60 indivíduos. Também se destacam o barbado (*Allouata fusca*), o sagüi da serra escuro (*Callithrix aurita*), o caititu (*Tayassu tajacu*) e a onça parda (*Puma concolor*), o papagaio do peito roxo (*Amazona vinacea*), o bacurau tesoura gigante (*Macropsalis forcipata*), o araçari banana (*Baillonius bailoni*) e o pica pau rei (*Campephilus robustus*) (FEIO et al., 2000).

O Parque Estadual da Serra do Brigadeiro representa uma das últimas áreas primitivas de Floresta Atlântica de Encosta no interior do Brasil, considerada uma região prioritária do ponto de vista conservacionista.

MATERIAL E MÉTODOS

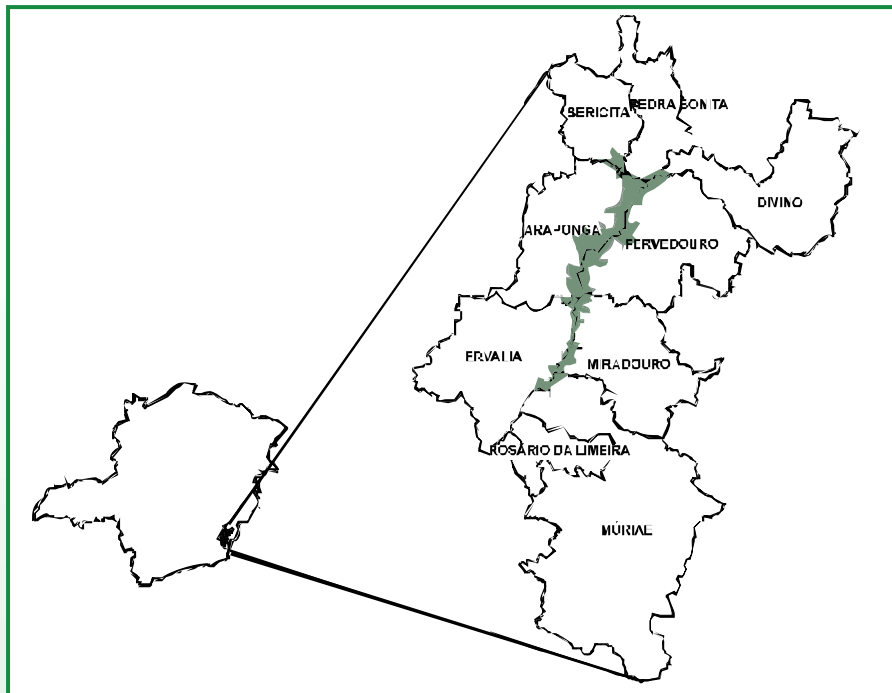
Os estudos sobre os anfíbios no PESB iniciaram-se em 1994, concentrados na região central, onde hoje está localizada a sede administrativa da unidade, devido à facilidade logística proporcionada pelo Biólogo Braz Cosenza e pelo Médico Eigel Israel Siqueira, antigo proprietário da área. A partir de 2002, a região norte do parque começou a ser amostrada em coletas ocasionais, enquanto a região sul permanece ainda pouco conhecida, com visitas eventuais iniciadas apenas desde 2005.

O inventário foi realizado através de observações, principalmente noturnas, em diferentes feições ambientais e sítios reprodutivos favoráveis à ocupação de anfíbios, como riachos permanentes e temporários dentro de áreas de mata e em áreas de formação aberta, ambientes lânticos como brejos, açudes e poças,

afloramentos rochosos, bromélias, serrapilheira e demais ambientes úmidos no interior de matas. Algumas áreas do entorno, mesmo aquelas com intensa atividade humana também foram amostradas.

Os procedimentos metodológicos de utilizados foram adaptados do Complete Species Inventories, Visual Encounter Surveys e Audio Strip Transects (Heyer et al., 1994) e do Técnicas de Coleta e Preparação - Vertebrados (Calleffo, 2002).

O material testemunho foi depositado no Museu de Zoologia “João Moojen”, do Departamento de Biologia Animal da Universidade Federal de Viçosa (MZUFV) e no Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ).



Representação esquemática da localização da Serra do Brigadeiro em Minas Gerais



Pontões rochosos vistos a partir do Pico Soares, ponto culminante da Serra do Brigadeiro.

Vista da região sul do parque
Mata do Pai Inácio



OS ANFÍBIOS DA SERRA DO BRIGADEIRO

São conhecidas na Serra do Brigadeiro 44 espécies de anfíbios anuros, agrupadas em 19 gêneros e nove famílias, Brachycephalidae (4), Bufonidae (1), Centrolenidae (2), Ceratophryidae (1), Cycloramphidae (4), Hylidae (20), Hylodidae (2), Leiuperidae (3), Leptodactylidae (5) e Microhylidae (2), conforme Tabelas 1 e 2.

Dentre estas espécies, destaca-se ***Physalaemus maximus*** (rá-berro-de-boi), descrita em 1999 a partir de exemplares coletados na Serra do Brigadeiro, constituindo-se na maior espécie conhecida para o gênero (FEIO et al., 1999). Outras espécies registradas recentemente, também são novas para a ciência e encontram-se em processo de descrição; são elas: ***Scinax*** sp., ***Leptodactylus*** sp. E ***Chiasmocleis*** sp., encontradas apenas na parte sul da serra, sendo que o registro desta última na região representa a maior cota altimétrica conhecida para uma espécie deste gênero; ***Scinax*** gr. ***Perpusillus*** que vive exclusivamente em bromélias saxícolas da espécie *Alcantarea extensa*; ***Phasmahyla*** sp. Que ainda encontra-se em processo de identificação, mas estudos preliminares diagnosticaram características exclusivas que corroboram a hipótese de uma nova espécie.

Outras espécies de ***Scinax*** do grupo de ***S. catharinae*** e ***Physalameus*** do grupo de ***P. olfersii*** ainda encontram-se em estudos e podem vir a ser consideradas novas, ampliando a importância taxonômica da unidade.

Algumas espécies diagnosticadas no PESB constituem-se em importantes registros

zoogeográficos e conservacionistas. A espécie ***Brachycephalus ephippium*** (sapo-pingo-de-ouro), representa o primeiro e único registro de um anfíbio deste gênero em Minas Gerais, podendo ainda ser considerado o registro mais continental para esta espécie (DAYRELL et al., 2006); ***Bokermannohyla ibitipoca*** representa o primeiro registro desta espécie fora de sua localidade tipo (Parque Estadual do Ibitipoca – Lima Duarte – MG), o que representa uma ampliação significativa em sua área de distribuição (FEIO et al., 2003^a). Outro importante registro zoogeográfico é ***Proceratophrys melanopogon*** (sapo-de-chifre), que possui na Serra do Brigadeiro seu limite norte de distribuição e um dos registros mais continentais em sua área de distribuição (FEIO et al., 2003^b). Finalmente, ***Ceratophrys aurita*** (sapo-intanha), que tem no Brigadeiro seu único registro no sudeste do Estado.

Assim, com base nestes estudos, podemos considerar que esta riqueza de sapos, rãs e pererecas encontradas até o momento, associadas a novos táxons e espécies raras e/ou ameaçadas de extinção, demonstra a importância da Serra do Brigadeiro na manutenção e preservação de várias espécies de anfíbios ainda pouco conhecidas na região sudeste do Brasil. Ainda assim, acredita-se em um aumento significativo no número total de espécies, principalmente pela diversidade de ambientes e micro-ambientes ainda não amostrados na Serra do Brigadeiro.

Tabela 1. Anfíbios anuros da família Brachycephalidae da Serra do Brigadeiro.

Família	Espécies
Brachycephalidae	<i>Brachycephalus ophippium</i> (Spix, 1824)
	<i>Eleutherodactylus binotatus</i> (Spix, 1824)
	<i>Eleutherodactylus guentheri</i> (Steindachner, 1864)
	<i>Eleutherodactylus</i> sp

Tabela 2. Anfíbios anuros das famílias Bufonidae, Centrolenidae, Ceratophryidae, Cycloramphidae, Hylidae, Leiuperidae, Leptodactylidae e Microhylidae da Serra do Brigadeiro

Família	Espécies
Bufonidae	<i>Chaunus pombali</i> (Baldesera-Jr, Caramaschi & Haddad, 2004)
Centrolenidae	<i>Hyalinobatrachium eurygnathum</i> (A. Lutz, 1925)
	<i>Hyalinobatrachium uranoscopum</i> (Muller, 1924)
Ceratophryidae	<i>Ceratophrys aurita</i> (Raddi, 1823)
Cycloramphidae	<i>Odontophrynus cutripes</i> (Reinhardt e Lutken, 1858)
	<i>Proceratophrys boiei</i> (Wied-Neuwied, 1824)*
	<i>Proceratophrys melanopogon</i> (Miranda Ribeiro, 1926)
	<i>Thoropa miliaris</i> (Spix, 1824)
Hylidae	<i>Aplastodiscus aridae</i> (Cruz e Peixoto, 1987-1985*)
	<i>Aplastodiscus leucopygius</i> (Cruz e Peixoto, 1985-1984)
	<i>Bokermannohyla circumdata</i> (Cope, 1871)
	<i>Bokermannohyla ibitipoca</i> (Caramaschi e Feio, 1990)
	<i>Dendropsophus decipiens</i> (A. Lutz, 1925)
	<i>Dendropsophus elegans</i> (Wied-Neuwied, 1824)
	<i>Dendropsophus minutus</i> (Peters, 1872)
	<i>Hypsiboas albopunctatus</i> (Spix, 1824)
	<i>Hypsiboas faber</i> (Wied-Neuwied, 1821)
	<i>Hypsiboas parvialis</i> (Spix, 1824)
	<i>Hypsiboas polytaeniatus</i> (Cope, 1870)
	<i>Phasmahyla</i> sp.
	<i>Phyllomedusa burmeisteri</i> (Boulenger, 1882)
	<i>Scinax eurydice</i> (Bokermann, 1968)
	<i>Scinax fuscovarius</i> (A. Lutz, 1925)
	<i>Scinax</i> aff. <i>Perereca</i>
	<i>Scinax</i> gr. <i>Perpusillus</i>
<i>Scinax</i> sp. 1 (gr. <i>catharinae</i>)	
<i>Scinax</i> sp. 2 (gr. <i>Catharinae</i>)	
<i>Scinax</i> sp. N.	
Hylodidae	<i>Crossodactylus</i> gr. <i>Gaudichaudii</i>
	<i>Hylodes</i> sp.
Leiuperidae	<i>Physalaemus cuvieri</i> (Fitzinger, 1826)
Leptodactylidae	<i>Physalaemus maximus</i> (Feio, Pombal e Caramaschi, 1999)
	<i>Physalaemus</i> aff. <i>offersii</i>
	<i>Leptodactylus fuscus</i> (Schneider, 1799)
	<i>Leptodactylus labyrinthicus</i> (Sox, 1824)
Microhylidae	<i>Chiasmocleis</i> sp. n.
	<i>Elachistocleis ovalis</i>

FAMÍLIA BRACHYCEPHALIDAE

Brachycephalus ephippium (rã-pingo-de-ouro)

Anfíbio de cor amarelo intenso possui apenas três dedos nas mãos e algumas ossificações dérmicas dorsais (placas) que apresentam diferentes graus de fusão com as vértebras. São animais de pequeno porte, terrestres, diurnos e encontrados na serrapilheira da mata. A vocalização é baixa, porém emitida ininterruptamente, assemelhando-se a grilos. Sua distribuição geográfica se estende pelo litoral do sudeste do Brasil em áreas de Mata Atlântica. Na Serra do Brigadeiro, foi observada apenas na Mata do Pai Inácio, localizada na região central do PESB, sendo este o primeiro e único registro



deste gênero para o Estado de Minas Gerais e a localidade mais continental da distribuição geográfica da espécie e do gênero.

Eleutherodactylus binotatus (rã-da-mata)



Possui coloração muito variável (bege, pardo ou castanho-avermelhado) apresentando, na maioria das vezes, um par de manchas negras no meio do dorso. Possui o segundo dedo da mão menor que o primeiro. É encontrado em todo o Brigadeiro, mesmo longe de riachos e poças, ocupando preferencialmente a serrapilheira da mata, mas pode escalar pequenos arbustos e amontoados de grave-tos. É observada vocalizando desde as primeiras chuvas em setembro/outubro, prolongando-se até março. Apresenta ampla distribuição nas áreas de Mata Atlântica do sudeste do Brasil.

***Eleutherodactylus guentheri* (rã-da-mata)**



A maior parte dos indivíduos possui um par de linhas que acompanham a lateral da região dorsal, além de uma mancha enegrecida atrás do tímpano e na região inguinal. É também encontrada em todo o parque, ocupando o interior ou borda de matas, vocalizando diretamente sobre o folhice ou em arbustos na margem de estradas. Os ovos são depositados em tocas no solo e o desenvolvimento também é direto. Possui ampla distribuição no Brasil, ocorrendo no sudeste e sul do país.

FAMÍLIA BUFONIDAE

***Chaunus pombali* (sapo)**

Espécie pertencente ao grupo de *Chaunus* crucifer, possui corpo verrugoso com muitas glândulas, sendo duas delas (glândulas paratóides) bem evidentes localizadas atrás do tímpano. Apresenta variação nos padrões de desenho dorsal, mas na maioria podem ser observadas manchas amareladas nas partes ocultas das coxas, cloaca e região inguinal. Foi observada em toda a extensão da Serra do Brigadeiro, mesmo em cotas mais baixas. Emite vocalizações preferencialmente no solo, bem próximo a lagoas, açudes e poças temporárias e semi-temporárias localizadas em borda de mata ou em áreas abertas. Sua vocalização pode ser ouvida



tanto na estação seca, quanto na chuvosa, no entanto, parecem ser animais oportunistas com comportamento explosivo, ou seja, aparecem nos ambientes após chuvas torrenciais. Ocorre apenas em Minas Gerais, em áreas de transição entre os biomas do Cerrado e Mata Atlântica.

FAMÍLIA CENTROLENIDAE

Hyalinobatrachium eurygnathum (perereca-de-vidro)

Possui cor esverdeada em vida, discos adesivos e tímpanos pouco visíveis. Apresenta um focinho curto e truncado, característica esta que a diferencia da outra espécie do gênero. São arborícolas, vocalizando sobre as folhas das árvores das margens dos córregos de interior de matas tanto na parte norte (Fazenda Brigadeiro) quanto na parte central (Sede) do PESB. Os indivíduos são observados vocalizando nos meses mais quentes e úmidos (outubro a março), com atividade mais efetiva em noites chuvosas. Esta espécie, típica de regiões serranas na Mata Atlântica do sudeste do Brasil, é considerada como presumivelmente ameaçada de extinção nos Estados de São



Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, onde eventos de declínios populacionais já puderam ser observados.

Hyalinobatrachium uranoscopum (perereca-de-vidro)

Anuro muito semelhante a sua espécie congênera, mas possui pontos esbranquiçados dispersos na região dorsal e o focinho é mais alongado e tipicamente espatulado em vista lateral. Os hábitos e a distribuição são muito semelhantes à da espécie anterior. Apresenta a região ventral transparente, por onde podem ser visualizados alguns órgãos internos, característica esta que o associa a seu nome comum. Também se encontra ameaçada nos estados vizinhos de Minas Gerais na região sudeste do Brasil,



mas no Brigadeiro é bastante comum nos vários ambientes onde foi diagnosticada.

FAMÍLIA CERATOPHRYIDAE

Ceratophrys aurita (sapo-intanha)

Espécie que apresenta um característico “chifre” dérmico sobre as pálpebras. Possui a cabeça grande e bastante ossificada, podendo fundir-se à pele em algumas regiões. Apresenta dentes maxilares evidentes que, aliados a uma forte mandíbula, transformam-no em um excelente predador tanto de pequenos vertebrados como outros anfíbios e serpentes, até roedores. Possuem corpo globoso e rugoso, os membros curtos e uma aparência geral que lembra os sapos. Ocorrem na serrapilheira e parecem apresentar comportamento oportunístico, ocorrendo nos ambientes apenas em dias, ou mesmo momentos, com chuva abundante. Não parece ser uma espécie abundante na Serra



do Brigadeiro, sendo observada apenas em pouquíssimas situações, através de vocalizações que lembram mugidos de vaca, em ambientes na região central, próximos à sede administrativa. Esta espécie apresenta ampla distribuição geográfica, ocorrendo na Mata Atlântica desde Minas Gerais e Bahia até o Rio Grande do Sul.

FAMÍLIA CYCLORAMPHIDAE

Odontophrynus cultripes (sapo-roncador)



Anuro com corpo globoso e granuloso de forma ovalada, com duas glândulas destacadas e proeminentes na região dorsal, membros curtos em relação ao corpo e focinho curto. Apresenta coloração dorsal uniformemente castanho acinzentada com pigmentos amarelos. Tímpano, prega supratimpânica e membranas interdigitais estão ausentes. Ausência de manchas ou barras transversais nos membros. Foi encontrada nas áreas antropizadas no entorno do PESB, sempre em cotas altimétricas mais baixas, associada a açudes e poças. Vocaliza às margens destes ambientes ou mesmo sob a terra e amontoados de fo-

lhas e gravetos, geralmente após chuvas fortes que alagam a terra e, conseqüentemente, seus locais de refúgio. Possui ampla distribuição no centro sul do Brasil, ocorrendo de Minas Gerais e Goiás ao Rio Grande do Sul.

Proceratophrys boiei (sapo-de-chifre)

Este anuro apresenta corpo rugoso e coloração amarronzada à cinza, com faixas claras e escuras alternadas, além de calosidades amareladas nos membros. Alguns indivíduos podem ter uma grande mancha esbranquiçada na região do rosto. Apresenta desenho dorsal característico, em forma de seta, iniciando na região pélvica dorsal, percorrendo o dorso, terminando em dois apêndices supraoculares, o que determina seu nome comum (sapo-de-chifres). O focinho tem forma espatulada em vista lateral, porém não apresenta qualquer expansão dérmica maxilar como em *P. melanopogon*. Pode ser encontrado durante o dia e a noite em meio às folhas da serrapilheira ou à margem de córregos e corredeiras,



no interior de matas. No PESB, é observada vocalizando durante o período chuvoso. Ocupa também, ambientes no entorno, em cotas altimétricas mais baixas. Possui ampla distribuição no Brasil, ocorrendo

desde Pernambuco à Santa Catarina, fato este que, associado a padrões morfológicos diversos de várias populações ao longo desta distribuição, é considerado também como um complexo de espécies.

Proceratophrys melanopogon (sapo-de-bico)



Possui corpo rugoso e coloração amarronzada à cinza. Apresenta desenho dorsal característico, semelhante ao observado em *P. boiei*, com duas expansões dérmicas supraoculares. Esta espécie, no entanto, possui uma pequena projeção dérmica na região medial da maxila, característica esta que prontamente a separa de *P. boiei*. Foi observada apenas ocupando a margem de remansos de riachos no interior da mata, embora alguns indivíduos tenham sido encontrados sobre serrapilheira, sempre em cotas altimétricas mais altas, nunca

sendo diagnosticada em áreas alteradas no entorno, indicando portanto, ser mais especialista na ocupação dos ambientes. Parece apresentar comportamento oportunista, sendo observada apenas em dias de chuvas fortes, na época mais quente e úmida do ano. Ocorre restritamente na Serra do Mar e na Serra da Mantiqueira dos Estados de SP, RJ e MG, sendo sua ocorrência no Brigadeiro o registro mais ao norte para a espécie.

Thoropa miliaris (rã-das-pedras)

A coloração dorsal é acinzentada variando em tons mais claros e escuros ou mesmo enegrecida, com barras transversais nos membros anteriores e posteriores. Ocupa afloramentos rochosos úmidos, onde se camufla muito bem, ocorrendo estritamente nos meses chuvosos do ano. Em machos adultos é possível observar espinhos córneos nos três primeiros dedos dos membros anteriores que, provavelmente, são utilizados para otimizar o abraço sexual (amplexo) ou para a defesa de seus



territórios contra outros machos. Espécie típica da Mata Atlântica, ocorrendo em afloramentos rochosos desde o nível do mar até grandes altitudes nas Serras do Mar e da Mantiqueira, da Bahia até São Paulo.

FAMÍLIA HYLIDAE

Aplastodiscus arildae (perereca-verde)



Anuro com coloração dorsal verde clara e pontos castanhos escuros dispersos pelo dorso e membros, ventre ligeiramente azulado e íris laranja-avermelhada, com uma fina margem negra. Possuem uma tênue linha amarela-esbranquiçada que prolonga-se do focinho até o olhos, parecendo reiniciar-se sobre o tímpano e estendendo-se até próximo a inserção do membro anterior. Os machos vocalizam sempre sobre riachos no interior de mata, em arbustos ou vegetação mais alta do sub-bosque. Apresenta atividade em todos os meses mais quentes e chuvosos do ano, caracterizando-a

como uma espécie sazonalmente “prolongada”. No PESB foi observada em toda sua extensão, podendo ser considerada como uma das espécies mais comuns. É típica de matas com riachos nas regiões das Serras do Mar e da Mantiqueira no sudeste do Brasil.

Aplastodiscus leucopygius (perereca-verde)

Espécie com coloração dorsal verde escuro, salpicada por pontos brancos e ventre intensamente azulado. Possui um prolongamento dérmico esbranquiçado no calcanhar (apófise calcar) que se prolonga em uma crista por toda a margem posterior do pé. Membro anterior também com crista dérmica branca do cotovelo até o dedo 4 da mão. O olho é proeminente, com íris laranja a avermelhada. Ocorre em arbustos e árvores do sub-bosque, sobre riachos e corredeiras, em grande sobreposição de habitats com *A. arildae*, sendo possível observar estas duas espécies lado a lado em alguns ambientes. No PESB essa espécie foi ob-



servada em todos os ambientes trabalhados, ocorrendo mesmo em borda de mata, já com alguma alteração antró-

pica. Ocorrem nas Serras do Mar e da Mantiqueira, nos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Bokermannohyla circumdata (perereca-dos-riachos)



Apresenta coloração dorsal bege ou parda-clara, possui finas barras transversais enegrecidas sob fundo arroxeadado na parte posterior das coxas, que caracterizam este gênero. São anuros típicos de riachos de montanha, ocupando arbustos e arvoretas do sub-bosque próximas a remansos e trechos embrejados. A reprodução parece ser explosiva, quando vários indivíduos podem ser vistos vocalizando lado a lado, após chuvas tor-

renciais. Apesar de ser uma espécie de grande porte, sua vocalização é baixa e perceptível apenas próximo aos cursos d'água. É uma espécie comum na Mata Atlântica do sudeste do Brasil, ocorrendo em todos os Estados desta região.

Bokermannohyla ibitipoca (perereca-de-toca)

Espécie de cor marrom-avermelhada, com manchas claras dispersas, em diferentes padrões, sobre o dorso. Possui também barras transversais escuras na parte posterior da coxa, sobre fundo roxo. A vocalização é emitida em tocas formadas por raízes de árvores ou cavidade no folheto ou terra, sempre próxima a córregos no interior de mata. Foi encontrada apenas na época chuvosa, em altitudes superiores a 1.500 m, na região norte da unidade denominada de “Laje do Ouro”. Antes de ter sido encontrada no PESB, sua distribuição se limitava à sua localidade-tipo, o Parque Estadual do Ibitipoca.



Dendropsophus decipiens (perereca-de-moldura)



A coloração dorsal é parda homogênea, com um retângulo marrom escuro no dorso da cabeça e no tronco, emoldurados anteriormente por uma mancha branco-amarelada que preenche todo o focinho e lateralmente, prolongando-se até a inserção dos membros posteriores. Espécie comum no PESB, pode ser encontrada em arbustos de vegetação aquática dos brejos e lagoas, evitando claramente riachos e córregos no interior de matas. Espécie de ampla distribuição geográfica pelo litoral nordeste e sudeste do Brasil, com vários registros nas localidades de Mata Atlântica de Minas Gerais.

Dendropsophus elegans (perereca-de-moldura)

Essa espécie exibe um colorido noturno marrom-claro formando um retângulo bem definido completamente emoldurado por uma faixa branca que também cobre as tíbias. Sua coloração se destaca durante o dia, com a moldura em tom branco muito vivo. É encontrada em todo o parque, vocalizando na vegetação flutuante ou emergente, a poucos centímetros do espelho d'água de grandes poças e lagos, nunca observada em córregos. Ocorre também em regiões alteradas do entorno, na margem de represas e açudes. Apesar de concentrar sua atividade nos primeiros meses chuvosos



do ano, pode ser observada emitindo vocalizações durante vários meses na primavera e verão. Espécie com ampla

distribuição na Mata Atlântica, ocorre em todos os Estados do sudeste e na Bahia.

Dendropsophus minutus (pererequinha-amarela)



A coloração desse anuro varia do bege ao acinzentado, com manchas e/ou barras dorsais marrons escuras. A região ventral é amarelo homogêneo, com algo avermelhado na região inguinal e nas coxas. Pode ser considerada como uma das espécies mais observadas do PESB, ocorrendo em todos os meses do ano, mesmo no auge do inverno. Machos foram registrados vocalizando na vegetação marginal arbustiva e emergente de todos os ambientes de lagoa estudados, evitando

claramente riachos e córregos, ainda que alguns indivíduos possam ocupar a margem de grandes remansos nestes ambientes. Pode ser considerada, entre todas as espécies presentes no PESB, aquela que possui a mais ampla distribuição na América do Sul, representando claramente um complexo de espécies.

Hypsiboas albopunctatus (perereca-de-bigode)

A espécie apresenta uma faixa escura que percorre o canto do rosto até a região de inserção dos membros posteriores. Pontos claros são comumente observados na região interna da coxa e o focinho é afilado em vista dorsal. Ocupa geralmente arbustos marginais às lagoas e açudes em área aberta, nunca ocorrendo no interior de matas ou riachos. Sua atividade reprodutiva se restringe à estação chuvosa (dezembro a março). Apesar de possuir ampla distribuição no Brasil, esta espécie é originariamente típica do bioma do Cerrado. Atualmente parece estar ampliando sua distribuição para as áreas da Mata Atlântica, em função do desmatamento que tem formado um grande número de ambientes abertos em regiões antes cobertas apenas por matas contínuas.



Hypsiboas faber (sapo-ferreiro)

Anuro com a coloração do corpo variando em diferentes tons de castanho, com regiões acinzentadas. Apresenta olhos proeminentes, tímpano evidente e discos adesivos bem desenvolvidos. Essa espécie emite vocalização característica, bastante alta e “metálica”, lembrando o bater de um objeto em uma lata, fato este que lhe confere seu nome comum. Machos desta espécie escavam o barro às margens de ambientes aquáticos, formando pequenas piscinas chamadas de “painéis”, de onde vocalizam para atrair as fêmeas. Estas painéis



teriam a função de proteger os ovos e girinos de predadores do curso d'água principal, como peixes e larvas de libélulas, proporcionando um desenvolvimento inicial mais seguro. No PESB, a reprodução ocorreu durante a estação chuvosa com machos vocalizando ao nível d'água nas lagoas em borda de mata e de áreas abertas. Espécie de ampla distribuição, ocorrendo de leste a sul do Brasil.

Hypsiboas pardalis (perereca-de-franja)



Possui coloração parda não homogênea com pontos mais escuros no dorso lembrando a coloração de líquen. Existem duas características que definem a espécie: um prolongamento dérmico bem evidente em forma de espinho no calcanhar (apófise calcar) e uma franja dérmica (fimbrias) sobre toda a extensão posterior do pé. A membrana interdigital é desenvolvida nos dedos de ambos os membros. Os machos vocalizam empoleirados em galhos próximos a brejos e charcos temporários, não sendo observada no interior de matas ou próxima a riachos. Os machos parecem apenas moldar cavidades já prontas do solo para depositar seus ovos, diferentemente

de *H. faber* que constrói ativamente toda a panela de desova. Possui ampla distribuição, abrangendo a região central e leste do Brasil.

Hypsiboas polytaenius (perereca-de-listras)

Apresenta padrão dorsal com várias listras longitudinais se alternando entre tons de marrom claro e escuro e um prolongamento dérmico no calcanhar (apófise calcar). Foi encontrada no PESB vocalizando na vegetação marginal de corpos d'água localizados nas áreas abertas ou na borda de matas, sendo também observada em ambientes alterados do entorno. Possui atividade reprodutiva durante a estação chuvosa. É encontrada na região serrana do Rio de Janeiro a Minas Gerais.



Phasmahyla sp. (perereca-verde-dos-riachos-de-montanha)

Este anfíbio foi localizado no PESB, até o momento, apenas pela sua fase de girino, quando sua aparência é bastante característica, apresentando uma boca em forma de funil membranoso posicionado dorsalmente. Os adultos são marrom-avermelhados durante a noite mas, durante o dia, ficam esverdeados, camuflando-se muito bem entre as folhagens, seu principal abrigo diurno. Na época da reprodução, o casal em amplexo (abraço sexual) procura arbustos e arvoretas sobre remansos dos riachos, depositando seus ovos entre folhas que são enroladas pelo casal. No PESB, os girinos foram encontrados apenas



no setor norte do Parque, em trechos de riachos localizados há mais de 1500 metros de altitude. Estudos preliminares nos girinos indicam que esta popu-

lação pode ser uma espécie nova para a ciência, que será confirmado somente com o registro dos adultos.

Phyllomedusa burmeisteri (perereca-verde)



Esta espécie possui coloração do corpo verde, assim como pontos amarelados nas laterais e na região interna dos membros posteriores. Apresenta olhos proeminentes e tímpano distinto, além de glândulas paratóides que se prolongam acima do tímpano. Ausência de membrana interdigital nos dedos de ambos os membros e de membrana supra-timpânica. Uma tênue linha de cor esbranquiçada é perceptível no lábio inferior e também no antebraço e tarso. No PESB, foi observada em vários locais vocalizando du-

rante o período chuvoso, nas bordas de floresta, ocupando arbustos e arvoretas às margens de poças, lagoas e açudes. A desova é realizada em um funil de folhas enroladas pelo casal à medida que os ovos são depositados e fertilizados, em árvores ou arbustos pendentes sobre a água. Espécie de ampla distribuição ocorre nas regiões central, sudeste e nordeste do Brasil.

Scinax eurydice (perereca-do-brejo) em amplexo

Este anfíbio apresenta coloração amarelada nas fêmeas e mais amarronzada nos machos, ambos com duas manchas escuras, em forma de vírgulas paralelas, na região dorsal. Encontrada comumente em áreas abertas ou em bordas de mata, nas margens de lagoas, açudes e charcos, tanto dentro do PESB quanto no entorno. Aparece geralmente com o início da estação chuvosa, quando podem ser observadas explosões reprodutivas após chuvas torrenciais. Seu período reprodutivo inicia-se logo no início da estação chuvosa (outubro/novembro), prolongando-se até fevereiro ou março. Possui ampla distribui-



ção geográfica no leste do Brasil, ocorrendo desde o sul da Bahia até São Paulo

Scinax fuscovarius (perereca-de-banheiro)



O padrão dorsal de coloração varia do marrom ao acinzentado, com manchas escuras dispersas, sendo que a região inguinal e parte posterior das coxas são amareladas. Possui olhos proeminentes, tímpano distinto e membrana supra-timpânica desenvolvida. Membrana interdigital desenvolvida nos dedos posteriores e rudimentar nos anteriores. Muito comum em áreas abertas, encontrada inclusive dentro de construções antrópicas como caixas d'água e habitações. A

reprodução ocorre em áreas abertas, ocupando a margem de lagoas, açudes ou poças temporárias. Apresenta grande distribuição geográfica, ocorrendo no sul, sudeste e centro-oeste brasileiro, com evidente polimorfismo nas diversas populações, caracterizando esta espécie como um possível complexo de espécies.

Scinax aff. perereca (perereca-amarela)

Sua coloração varia do amarelo ao amarronzado, com duas manchas mais escuras longitudinais no dorso que partem da região posterior do olho. Ausência de manchas ou barras transversais nos membros. Muito comum no PESB, é encontrada próximo às habitações, no interior de bromélias e nas vegetações marginais das lagoas nas áreas abertas e bordas de mata. Pode apresentar comportamento reprodutivo explosivo, sendo que já foram vistas grandes concentrações de indivíduos na lagoa da portaria, região central da unidade, após as primeiras águas da estação chuvosa. Esta espécie é morfologicamente semelhante à espécie *Scinax pere-*



reca, descrita a partir de exemplares de São Paulo, mas somente estudos taxonômicos mais aprofundados poderão melhor subsidiar conclusões sobre a real identidade das populações do PESB.

Scinax gr. perpusillus (perereca-das-bromélias)



Espécie com corpo apresentando pequenos grânulos e coloração acinzentada com manchas mais escuras. No PESB esta espécie é observada no interior de bromélias da espécie *Alcantarea extensa*, que ocorre sobre paredões rochosos. Considerada como espécie “bromelígena” por apresentar todo seu ciclo de vida ligado às bromélias, ou seja, vocaliza, deposita seus ovos e os girinos se desenvolvem e metamorfoseiam sem saírem deste ambiente. Reproduz-se preferencialmente durante os meses chuvosos do ano, parecendo ter certa preferência pelas primeiras

chuvas da estação. No PESB, as maiores concentrações de indivíduos foram localizadas na região central, em um afloramento rochoso próximo à sede administrativa. Anfíbios deste grupo são comuns no sudeste do Brasil, ocorrendo desde o nível do mar até grandes altitudes no interior, os indivíduos do PESB se assemelham com aqueles identificados como *Scinax v-signatus*, conhecidos do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, em Petrópolis, mas as diferenças observadas podem subsidiar a separação destas localidades em duas espécies distintas.

***Scinax sp. 1* (gr. catharinae)**

Possui corpo amarronzado com granulações no dorso e em partes dos membros, olhos proeminentes, tímpano distinto e membrana supra-timpânica pouco evidente. As fêmeas são consideravelmente maiores que os machos. É observada no interior de mata nas margens dos córregos e riachos. Por ocupar raízes e arbustos bem próximos da água, onde também deposita seus ovos, parece ser uma espécie típica da estação seca, evitando claramente épocas de grande vazão dos



riachos, que certamente carregariam os indivíduos e suas desovas. Anfíbios deste grupo são comuns em riachos e córregos em regiões serranas no

sudeste do Brasil e estudos taxonômicos em todo o grupo a que pertence são necessários para elucidar a identidade das várias populações nesta região.

***Scinax sp. 2* (gr. catharinae)**



Corpo pardacento escuro e manchas mais claras possuindo também algumas granulações no dorso. Desenho em forma de triângulo no dorso da região cefálica; os olhos são proeminentes, o tímpano é distinto com membrana supra-timpânica presente. Apresenta um típico prolongamento dérmico no calcanhar (apófise calcar). Como a anterior, é também observada no interior de mata nas margens dos córregos e riachos, vocalizando baixo e ocupando arbustos

bem próximos da água, em épocas de menor vazão dos córregos. Também ocorre em outros riachos de montanha no sudeste do Brasil e depende de estudos taxonômicos para elucidação de sua identidade.

Scinax sp.n.



Perereca com coloração marrom clara, uma mancha mais escura entre os olhos e outras duas manchas lineares que se prolongam dorso-lateralmente, sendo que o ventre é amarelo esbranquiçado. Localizada em uma única oportunidade na região sul do PESB (Lagoa do Careço), parece ser típica de ambientes de água parada, onde pode ser observada vocalizando em vegetação emergente, a cerca de 1 metro do espelho d'água. Alguns indivíduos foram localizados em bromélias epífitas, porém sem emitir vocalizações. Por ter sido diagnosticada muito recentemente, aspectos taxonômicos e de história natural desta espécie ainda precisam ser investigados.

FAMÍLIA HYLODIDAE

Crossodactylus gr. gaudichaudii (rãzinha-do-riacho)

Possui o corpo liso e machos possuem aglomerados de espinhos nupciais no primeiro dedo das mãos. De hábito diurno, essa espécie vocaliza sempre à margem de pequenos córregos e riachos pedregosos, mergulhando nos remansos ou mesmo nas corredeiras quando ameaçada. É ainda muito pouco conhecida no PESB, registrada apenas em uma localidade na região centro-sul da unidade (Mata do Pai Inácio), e apenas com um indivíduo na coleção, datado de 1984, sendo de taxonomia ainda não completamente definida. Espécies deste grupo apresentam ampla distribuição em riachos serranos no sudeste do Brasil e com o andamento dos estudos, certamente poderemos definir a precisa identificação das populações do PESB.

Os machos dessa espécie possuem saco vocal duplo e ausência dos espinhos nupciais no primeiro dedo das mãos. Possui uma mancha avermelhada na região ventral dos membros posteriores e uma linha dorsolateral que é característica de algumas espécies desse gênero (JR, et al., 2002). Os hábitos são semelhantes ao da espécie anterior. Foi registrada recentemente no parque, conhecida apenas na região central da unidade (Fazenda da Neblina). Devido à sua semelhança com outras espécies do gênero, é de difícil identificação, sendo necessário recorrer à vocalização e descrição de girinos para definir sua verdadeira identidade.



FAMÍLIA LEIUPERIDAE

Physalaemus cuvieri (rã-cachorro)

Corpo acinzentado e dorso com manchas claras e escuras podendo ser observado desenhos circulares na região central com manchas transversais nos membros posteriores. Ausência de rugosidades no corpo. Tímpano pouco distinto com presença de membrana supratimpânica, saco vocal desenvolvido e focinho afilado em vista dorsal. Apresenta duas calosidades desenvolvidas no início do tarso e carpo e uma pouco desenvolvida na tíbia. Possui o terceiro dedo dos membros anteriores e o quarto dos posteriores maiores que os demais. É encontrado no entorno do parque vocalizando nas lagoas temporárias ou perma-



mentes de área aberta, no período das chuvas, sendo mais freqüente nas áreas externas, pois tolera bem ambientes al-

terados. Espécie típica do cerrado pode ser encontrada em vários outros biomas como a Mata Atlântica e a Caatinga.

Physalaemus maximus (rã-berro-de-boi)

É considerada a maior espécie conhecida do gênero. A coloração é amarronzada, chegando a ter tons vermelho-alaranjados. Possui uma faixa negra lateral que se prolonga do olho até próximo à inserção dos membros posteriores. Possui, marginando ventralmente a faixa negra, uma linha oblíqua de cor branca, que se estende da pálpebra até inserção dos membros anteriores. Ocorre na serrapilheira na margem de lagoas e poças temporárias, se restringindo aos primeiros meses da estação chuvosa, podendo



apresentar comportamento reprodutivo explosivo. Sua vocalização é alta e bastante característica, lembrando um mugido de vaca. Foi encontrada na unidade apenas na região central, em ambientes localizados na sede administrativa. É conhecida apenas do PESB e de alguns ambientes na Serra de Ouro Branco, no Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais.

Physalameus aff. olfersii (rã-cigarra)



Assemelha-se muito a *Physalameus maximus*, porém com menor dimensão. Espécie típica de ambientes de água parada, como poças e lagoas, em áreas abertas, porém sempre na borda de matas, onde provavelmente se refugia. Sua vocalização consiste em um apito contínuo e prolongado, muito diferente da vocalização de *P. olfersii* citada para a população de São Paulo, sendo provavelmente uma nova espécie. Ocorre no PESB na região central da unidade, mas também foi observada em outras regiões da Zona da Mata de Minas Gerais, como em Carangola e Viçosa.

FAMÍLIA LEPTODACTILIDAE

Leptodactylus fuscus (rã-assobiadora)

A coloração dessa espécie é variável (marrom claro a marrom-avermelhado) e o dorso é manchado com numerosos ocelos, que freqüentemente podem se emendar. O saco vocal é duplo e o focinho é proeminente e afilado, o qual utiliza para cavar ou moldar galerias no solo. É típica nas áreas abertas das margens de lagoas, alagados e ambientes brejosos, sendo encontrada nas áreas antropizadas do entorno do PESB. O macho constrói um ninho subterrâneo em locais inundáveis, de onde vocaliza nos meses chuvosos e, juntamente com a fêmea, produz o ninho de espuma. Esta espuma consegue manter os ovos e girinos vivos durante alguns dias, protegendo



do os ovos contra o ressecamento, uma vez que estes podem ser depositados em ambientes ainda secos, mas que certamente serão inundados (depressões onde serão formadas poças temporárias), ou mesmo

em poças já formadas que podem secar temporariamente entre períodos de chuva no início do verão. Espécie de ampla distribuição no Brasil, ocorre nos biomas Cerrado e Mata Atlântica.

***Leptodactylus labyrinthicus* (rã-pimenta)**

Considerada uma das maiores espécies de anfíbio anuro do Brasil, possui coloração variável, porém comumente apresenta padrões de cor vermelho intenso com manchas enegrecidas na região inguinal e posterior da coxa. Possui uma toxina cutânea que pode provocar ardência na pele e nas mucosas dos humanos, o que explica o fato de ser chamada de “rã-pimenta”. Contudo, é uma espécie muito utilizada na alimentação, devido ao grande tamanho e sabor de sua carne. Além de se alimentar de pequenos artrópodes, como a maioria dos anfíbios, também consome pequenos vertebrados e mesmo outras rãs. No



PESB, essa espécie é encontrada preferencialmente nas lagoas de áreas abertas do entorno, parecendo ser susceptível a algum grau de alteração dos ambientes. O período reprodutivo abrange os meses chuvosos do ano, e apresenta ampla distribuição no Brasil.

***Leptodactylus mystacinus* (rã-grilo)**



Apresenta coloração creme, com um par de linhas longitudinais enegrecidas nas laterais do dorso. O lábio superior é branco e, logo acima, preto, aparentando apresentar um bigode. Apesar de associada à Mata Atlântica ocorre preferencialmente, em áreas abertas como estradas, campos e clareiras. Habita o solo e se esconde em cavidades e tocas, podendo vocalizar nestes locais, o que dificulta extremamente sua localização nos ambientes. No PESB, poucos indivíduos foram encontrados, todos eles no início da estação das chuvas, na região central da unidade, próximo à sede administrativa, sendo mais freqüente em áreas externas, em menores altitudes.

***Leptodactylus ocellatus* (rã-manteiga)**

É conhecida popularmente como “rã-manteiga”. Possui coloração dorsal verde-acinzentado claro, com algumas manchas verde escuro, em forma de ocelos, no dorso e na coxa, daí a razão de seu nome específico. Os adultos, assim como *Leptodactylus labyrinthicus*, se alimentam de pequenos artrópodes e vertebrados, inclusive girinos de sua própria espécie. Por também apresentar grande porte, é eventualmente consumida como alimento pela população local. A fêmea exibe cuidado parental, se mantendo perto do grupo de girinos e atacando possíveis predadores. É observada nas lagoas internas da região central do



PESB mas as maiores populações se localizam no entorno, pois tolera satisfatoriamente ambientes antropizados. Apesar de poder ser localizada nos ambientes durante todo o ano, é mais freqüente na esta-

ção chuvosa, quando podem ser ouvidas suas vocalizações. É uma espécie de ampla distribuição no Brasil, e certamente trata-se de um complexo de espécies reunidas sob o nome de *L. ocellatus*.

***Leptodactylus sp. n.* (rã-da-serra)**

Rã de tamanho mediano, possui coloração dorsal cinza esverdeada, com duas listras alaranjadas dorso-laterais que prolongam-se da região cloacal até o meio das costas. Apresenta também duas faixas negras na cabeça que se iniciam na ponta do focinho e atravessam as narinas, olhos e tímpanos, findando próximo à inserção do membro inferior. Pode ser considerada como típica de alagados temporários, quando perfura cavidades e túneis no solo antes da chegada das primeiras chuvas. Nestes locais, depositam seus ovos envoltos em espuma, que conseguem resistir por alguns dias até que as chuvas inundem o ambiente e, conseqüentemente, carrie os ovos para o alagado recém formado, quando então é completado o desenvol-



vimento. A vocalização assemelha-se a piados repetidos incessantemente, geralmente em duetos ou mesmo vários indivíduos juntos. Conhecida até o momento apenas de uma pequena lagoa temporá-

ria na parte sul do PESB (Lagoa do Careço), assim como *Chiasmocleis sp. n.*, também se constitui em uma nova espécie para a ciência e o trabalho de descrição encontra-se em andamento.

FAMÍLIA MICROHYLIDAE

Chiasmocleis sp. n. (rãzinha-de-poças)

Anuro com corpo ovalado e cabeça reduzida, mas olhos bem evidentes. Possui coloração uniforme castanho escura, salpicado de pontos brancos concentrados na região da boca, laterais e membros. Possui típica linha branca vertebral, mais pronunciada no focinho e no terço posterior. Apesar de ainda não se ter conhecimento de vários aspectos de sua história natural, parece apresentar comportamento explosivo concentrado na época mais quente e chuvosa do ano. É, até o momento, uma espécie endêmica do PESB,

sendo conhecida apenas de uma pequena lagoa temporária na parte sul do PESB (Lagoa do Careço). Dentre todas as espécies conhecidas para este gênero, esta é a que foi encontrada em maior altitude, em cotas superiores a 1.200 metros.



Elachistocleis ovalis (rã-grilo)

É uma espécie fossorial, cuja cabeça é proporcionalmente menor que o restante do corpo. Possui o dorso escuro, apresenta uma linha longitudinal amarelo-alaranjada na face interna das coxas e ventre amarelado. É encontrada vocalizando no espelho d'água em poças temporárias de ambientes abertos, sendo considerada uma espécie de comportamento explosivo, pois se reproduz após fortes chuvas. Possui ampla distribuição em Minas Gerais e no Brasil.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLEFFO, M.E.V.. Anfíbios. In: AURICCHIO, P.; SALOMÃO, M. G. (Org.). Técnicas de coleta e preparação de vertebrados para fins científicos e didáticos. Arujá: Terra Brasilis Editora; Instituto Pau Brasil de Historia Natural, 2002. p. 43-73.

CRUZ, C.A.G.; FEIO, R.N. Endemismos em anfíbios em áreas de altitude na Mata Atlântica no Sudeste do Brasil. In: NASCIMENTO, L.B., OLIVEIRA, M.E. (Ed.) Herpetologia no Brasil. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Herpetologia, 2007. cap. 2, p.117-126.

DAYRELL, J.S.; OLIVEIRA, E.F.; CASSINI, C.S.; FEIO, R.N. *Brachycephalus ephippium*: geographical distribution. *Herpetological Review*, v.37, n. 1, p. 357, 2006.

DUELLMAN, W.E.; TRUEB, L. *Biology of Amphibians*. New York: McGraw Hill, 1986, 670 p.

FEIO, R. N.; POMBAL JR., J. P.; CARAMASCHI, U. New *Physalaemus* (anura: Laptodactylidae) from the Atlantic Forest of Minas Gerais, Brazil. *Copeia*, v.1, p. 141-145, 1999.

FEIO, R. N.; RIBON, R.; CONSENZA, B. Estudos da fauna da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais. In: SIMPÓSIO: CONTRIBUIÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DO PLANO DE MANEJO INTEGRADO E PARTICIPATIVO DO PESB E ENTORNO, 2000, Viçosa. Anais... Viçosa: Editora UFV, 2000. p. 47-56.

FEIO, R.N.; CRUZ, C.A.G.; IZECKSOHN, E. *Proceratophrys melanopogon*: geographical distribution. *Herpetological Review*, v. 32, n. 2, p. 125, 2003.

FEIO, R.N.; FERREIRA, P.L.; PANTOJA, D.L. *Hyla ibitipoca*: geographical distribution. *Herpetological Review*, v. 34, n. 1, p. 258, 2003.

FROST, D.R. *Amphibian species of the world: an online reference*. Version 3.0, 2007. Electronic American Museum of Natural History, New York, USA. Disponível em: <<http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>>. Acesso em: 15 out. 2007.

HEYER, W.R.; DONNELLY, M.A.; MCDIARMID, R.W.; HAYEK, L.A.; FOSTER, M.S. (eds.). *Measuring and Monitoring Biological Diversity - Standard Methods for Amphibians*. Washington: Smithsonian Institution Press. 1994. 364 p.

P. JR., J.P.; FEIO, R.N.; HADDAD, C.F. 2002. A new species of torrent frog genus *Hylodes* (ANURA: LEPTODACTYLIDAE) from Southeastern Brazil. *Herpetologica*, v. 58, n. 4, p. 462-471, 2002.

MYERS, N; MITTERMEIER, R.A.; MITTERMEIER, C.G.; FONSECA, G.A.B. da; KENT, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature*, n. 430, p. 853-858, 2000.

OLIVEIRA, J.C.L. Estudos da fauna da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais. In SIMPÓSIO: CONTRIBUIÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DO PLANO DE MANEJO INTEGRADO E PARTICIPATIVO DO PESB E ENTORNO, 2000, Viçosa. Anais... Viçosa: Editora UFV, 2000. p. 19-26.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE HERPETOLOGIA – SBH. Lista de anfíbios e répteis, 2007. Disponível em: <<http://www.sbherpetologia.org.br>>. Acesso em: out. 2007.

Em Destaque:

Ramphophryne proboscídea (Sapo Narigudo)

Família: Bufonidae.

Nome Popular: sapo narigudo.

Situação em MG: Em Perigo.

Situação no Brasil: Não consta.

Distribuição em MG: observada em apenas um fragmento de Mata Atlântica em Almenara.

Ocorrência em UCs de MG: Não há relatos de ocorrência de sapos narigudos em Unidades de Conservação em Minas Gerais.

Ramphophryne proboscídea é um anfíbio endêmico da Mata Atlântica do sudeste do Brasil, ocorrendo exclusivamente nos Estados da Bahia e Minas Gerais. Possui aproximadamente 60 milímetros de comprimento e é a única espécie do gênero que ocorre no Brasil.

As demais espécies deste gênero ocorrem na Amazônia não brasileira e na América Central.

A espécie apresenta caracteristicamente um focinho bastante prolongado, o que a diferencia prontamente dos demais gêneros de bufonídeos brasileiros. Possui região dorsal com muitas glândulas, dando um aspecto bastante rugoso ao animal. A coloração varia desde o amarelo-alaranjado ao marrom-escuro. Na região ventral destaca-se coloração avermelhada nas mãos, coxas e pés, principalmente nos indivíduos jovens, sendo que o abdômen possui manchas pequenas enegrecidas.

As fêmeas podem ser diferenciadas pelo maior tamanho e volume do abdômen, principalmente na época reprodutiva, que se limita aos primeiros meses da estação chuvosa (outubro, novembro, dezembro e janeiro).

Esta espécie foi descrita por Boulenger em 1884, tendo como procedência a “Bahia”.



Apenas em 1936 foram encontrados novos exemplares próximos a Salvador (BA), quando então foi feita uma nova caracterização da espécie. Depois disto, passaram-se quase 70 anos para que novos indivíduos fossem localizados em outras áreas da Bahia e um único registro em Minas Gerais, em um fragmento de Mata Atlântica preservado localizado em uma fazenda próxima à cidade de Almenara, no nordeste do Estado.

O registro desta espécie em Minas Gerais representa o único local do Estado onde ela é conhecida e seu registro mais interiorano e meridional. Por ocupar o interior de matas bem preservadas dentro do bioma da Mata Atlântica, além de ocorrer em região de grande degradação ambiental, foi considerada ameaçada de extinção na nova listagem elaborada pelos pesquisadores em 2005, que será homologada pelo Conselho Estadual de Política Ambiental (COPAM). ■

Renato Neves Feio

Referências:

BICCA-MARQUES J.C., SILVA V.M., GOMES D.F.. Ordem Primatas. In: REIS, N.R., PERACCHIA, P., PEDRO W. A., LIMA I.P. (Eds) **Mamíferos do Brasil**. Londrina: Sociedade Brasileira de Zoologia, 2006, 437p.

MACHADO A.B.M., FONSECA G.B., MACHADO R.B., AGUIAR L.M.S., LINS L.V. (Eds). **Livro vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 1998, 608p.

Instruções para colaboradores - Boletim MG.Biota

Os trabalhos deverão atender às seguintes especificações:

- Os artigos deverão ser inéditos e entregues diretamente à Gerência de Projetos e Pesquisas (GPROP). Deverão ter duas vias, uma em meio digital (compatível com Microsoft Word) e uma impressa em papel A4 (210x297mm), já formatados de acordo com as Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).
- Deverão conter no máximo 20 (vinte) laudas, utilizando fonte Arial, tamanho 12, e espaço entre linhas simples, margem de 2 cm, incluindo, tabelas, referências bibliográficas, etc., respeitadas as normas para publicação de trabalhos científicos da ABNT.
- Figuras, Tabelas e Gráficos: deverão vir em anexo sendo indicado no texto onde deverão ser inseridas, porém a comissão editorial se reserva no direito de uma recolocação para permitir uma melhor diagramação da revista. Todas as figuras, gráficos e tabelas deverão ser enviados no formato TIFF ou JPG. As mesmas deverão ser referenciadas no texto e numeradas com algarismos arábicos. Quando citados no decorrer do texto, devem ser referenciadas como fig. 1 ou fig. 1 e 2 (quando for mais de uma figura), Tab.1 ou Tab.1 e 2 (quando for mais de uma tabela). No casos de gráficos, utilizar a mesma Fig.1 ou Fig.1 e 2 (quando for mais de um gráfico).
- Após o título, mencionar o(s) nome (s) completos(s) do(s) autor(es), sua(s) qualificação(ões) e precedência.
- Serão aceitos apenas artigos escritos em português.
- Toda contribuição deverá vir acompanhada de uma declaração de seu autor ou responsável, nos seguintes termos:

Transfiro para o Instituto Estadual de Florestas através da Diretoria de Biodiversidade, todos os direitos sobre a contribuição (citar o Título), caso seja aceita para publicação no MG BIOTA, publicado pela Gerência de Projetos e Pesquisa.

Declaro que esta contribuição é original e de minha responsabilidade, que não esta sendo submetida a outro editor para publicação e que os direitos autorais sobre ela não foram anteriormente cedidos a outra pessoa, física ou jurídica.

- A declaração deverá conter: Local e data, nome completo, CPF, documento de identidade e endereço completo.
- Detalhes para submissão de trabalhos podem ser requisitados à Comissão Editorial do Boletim.

Endereço:

Rua Espírito Santo, 495 – 9º andar – Centro - Belo Horizonte – Minas Gerais

Brasil – CEP: 30160-030

E-mail: projetospesquisas@ief.mg.gov.br

Home page: www.ief.mg.gov.br



ERRATA

O Boletim MG.BIOTA, contém algumas incorreções:

1. Expediente:

ONDE SE LÊ:

Fotos: Renato Neves Feio, Patrícia Silva Santos, Carla Santana C. Assini, Jussara Santos Dayrell, Eliana Faria de Oliveira.

LEIA-SE:

Fotos: Renato Neves Feio, Carla Santana Cassini, Jussara Santos Dayrell, Emanuel Teixeira da Silva e Diego José Santana.

ONDE SE LÊ:

Foto Capa: Renato Neves Feio.

LEIA-SE:

Foto Capa: Carla Santana Cassini.

2. Página 9:

ONDE SE LÊ:

Leiuperidae	<i>Physalaemus cuvieri</i> (Fitzinger, 1826)
Leptodactylidae	<i>Physalaemus maximus</i> (Feio, Pombal e Caramaschi, 1999)
	<i>Physalaemus aff. olfersii</i>
	<i>Leptodactylus fuscus</i> (Schneider, 1799)
	<i>Leptodactylus labyrinthicus</i> (Spix, 1824)

LEIA-SE:

Leiuperidae	<i>Physalaemus cuvieri</i> Fitzinger, 1826
	<i>Physalaemus maximus</i> (Feio, Pombal e Caramaschi, 1999)
	<i>Physalaemus aff. olfersii</i>
Leptodactylidae	<i>Leptodactylus fuscus</i> (Schneider, 1799)
	<i>Leptodactylus labyrinthicus</i> (Spix, 1824)
	<i>Leptodactylus mystacinus</i> (Burmeister, 1861)
	<i>Leptodactylus ocellatus</i> (Linnaeus, 1758)
	<i>Leptodactylus sp. n.</i>
Microhylidae	<i>Chiasmocleis Mantiqueira</i> (Cruz, Feio e Cassini, 2007)
	<i>Elachistocleis ovalis</i>

3. Página 25: Família Hylodidae

Crossodactylus gr. *gaudicaudii* (rãzinha-do-riacho):

Considerar somente o primeiro parágrafo como descrição da espécie.

O segundo parágrafo e a foto são referentes à espécie *Hylodes* sp.

4. Página 30: Família Microhylidae

ONDE SE LÊ:

Chiasmocleis sp. n. (rãzinha-de-poças)

LEIA-SE:

Chiasmocleis mantiqueira (rãzinha-de-poças)

5. Página 31: Referências Bibliográficas – Inclusão.

CRUZ, C.A.G.; FEIO, R.N. & CASSINI, C.S. Nova espécie de *Chiasmocleis Méhely*, 1994 (Amphibia, Anura, Microhylidae) da Serra da Mantiqueira, Estado de Minas Gerais, Brasil. *Arquivos do Museu Nacional*, v. 65, n. 1, p. 33-38, 2007.

6. Página 32: Referências Bibliográficas – Correção.

ONDE SE LÊ:

BICCA-MARQUES J.C., SILVA V.M., GOMES D.F.. Ordem Primatas. In: REIS, N.R., PERACCHI A.P., PEDRO W.A., LIMA I.P. (Eds). *Mamíferos do Brasil*. Londrina: Sociedade Brasileira de Zoologia, 2006, 437p.

LEIA-SE:

FEIO R.N., PIMENTA B.V.S., SILVANO D.L. Rediscovery and biology of *Rhamphophryne proboscidea* (Boulenger, 1882) (Anura, Bufonidae). *Amphibia-Reptilia*, n. 24, p. 112-118, 2003.

IZECKSOHN, E. 1976. O status sistemático de *Phryniscus proboscideus* Boulenger (Amphibia, Anura, Bufonidae). *Rev. Brasil. Biologia*, 36(2): 341-345.

7. O resumo em língua portuguesa e os agradecimentos não foram reproduzidos. Segue abaixo os textos.

Resumo:

DIVERSIDADE DE ANFÍBIOS NO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO BRIGADEIRO, MINAS GERAIS, BRASIL.

A Mata Atlântica possui grande biodiversidade, apesar de estar devastada em mais de 90% de sua cobertura original, sendo por isso considerada como um dos biomas mais ameaçados do planeta e prioritário para ações de conservação. São reconhecidas aproximadamente 400 espécies de anfíbios anuros na Mata Atlântica, sendo mais da metade endêmicas do bioma. Esta alta diversidade e elevado índice de endemismos são otimizados pela imensa heterogeneidade de habitats e ambientes, com ênfase para os complexos serranos das do Mar, Mantiqueira e Espinhaço no sudeste do Brasil. Na Serra da Mantiqueira destaca-se o Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB) com mais de 13.000 ha (42° 40' e 40° 40' W e 20° 33' e 21° 00' S), considerado patrimônio da biosfera e área de prioridade I na preservação em Minas Gerais. Neste trabalho apresentamos um diagnóstico do atual conhecimento taxonômico e biogeográfico dos anfíbios do PESB, através de pesquisas e estudos de campo executados nas porções norte, centro e sul da unidade, iniciados desde 1994, até 2006. São conhecidas no PESB 44 espécies, distribuídas pelas famílias Brachycephalidae (4), Bufonidae (1), Centrolenidae (2), Ceratophryidae (1), Cycloramphidae (4), Hylidae (20), Hylodidae (2), Leiuperidae (3), Leptodactylidae (5) e Microhylidae (2). Destacam-se espécies novas para a ciência pertencentes aos gêneros *Leptodactylus*, *Chiasmocleis* e *Scinax*, além de outras com importância zoogeográfica e/ou conservacionista como *Brachycephalus ephippium* (primeiro e único registro dessa espécie em Minas Gerais), *Bokermannohyla ibitipoca* (primeiro registro desta espécie fora de sua localidade tipo no Parque Estadual do Ibitipoca – MG) e *Proceratophrys melanopogon* (registro mais continental em sua área de distribuição). Podemos ressaltar também *Physalaemus maximus*, a maior espécie conhecida do gênero no Brasil, que foi descrita da unidade em 1999. Em todos os setores estudados ocorreram espécies exclusivas como *Bokermannohyla ibitipoca* e *Phasmahyla* sp. no setor Norte, nove espécies na porção Central e três que provavelmente são novas para a ciência no setor Sul. Somente três espécies foram encontradas em todos os ambientes estudados (*Eleutherodactylus guentheri*, *Proceratophrys melanopogon* e *Dendropsophus minutus*). Percebe-se que a heterogeneidade dos ambientes ao longo do maciço da Serra do Brigadeiro permite a ocupação de diferentes espécies de anfíbios de acordo com o habitat específico, e que novas amostragens em áreas ainda não exploradas podem apresentar registros inéditos para a unidade, que representa um dos locais de maior importância na conservação dos anfíbios da Mata Atlântica.

Agradecimentos:

Aos colegas Profs. Braz Cosenza e Virgílio Andrade pelo apoio logístico. À administração do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro pelo apoio institucional. À FAPEMIG pelo apoio financeiro. A todos amigos que colaboraram de alguma forma nos trabalhos de campo, em especial aos colegas Breno de Assis, Diego Santana, Emanuel Silva, Henrique Costa, Vinícius São Pedro, Vítor Fernandes e João Vítor Lacerda.